

CONCEPÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS NA LINGUAGEM MIDIÁTICA: aspectos históricos e sociais

ELIZABETE VELTER BORGES*

betevb@yahoo.com.br

MAGDA SARAT•

magdaoliveira@ufgd.edu.br

Introdução:

Historicamente a constituição das chamadas “idades da vida”, reguladas pela faixa etária, tem sofrido mudanças ao longo de diferentes períodos marcados pela organização social e cultural dos grupos. Deste modo quando localizamos crianças, adolescentes e jovens na atualidade, estamos nos pautando nos documentos legais socialmente responsáveis por determinada periodização. Assim o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - Lei n. 8.069 de 1990, no art. 2º, considera a pessoa até 12 anos incompletos como criança e aquela entre 12 e 18 anos como adolescente. Por esta Lei, a definição de jovem seria a partir dos 18 anos de idade e segundo a legislação vigente, a pessoa com 21 anos completos, socialmente / juridicamente é considerada como maior de idade. Partindo dessa premissa, a referida pesquisa propõe investigar o discurso jornalístico acerca dos indivíduos com faixa etária de 12 a 21 anos, que conforme o ordenamento legal seria chamado de adolescente e/ou jovem.

Isto posto como parte de uma pesquisa em andamento, do Programa de Mestrado em Educação na Universidade Federal da Grande Dourados/MS, nosso objetivo é compreender o contexto histórico, social, cultural, geracional, político e econômico em que são produzidas as matérias jornalísticas acerca do grupo social denominado adolescente e jovem, analisando as concepções da mídia impressa acerca deste grupo. Portanto, realizamos um levantamento de dados estatísticos e analíticos em dois jornais impressos de circulação regional intitulados “O Progresso” e o “Diário MS”, que são produzidos no município de Dourados, estado de Mato

* Aluna do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

• Professora Doutora e Orientadora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Grosso do Sul. Enfocaremos as reportagens divulgadas entre os anos de 2002 a 2006, este recorte temporal justifica-se por duas razões a primeira seria em função da organização do acervo e da digitalização que permitiu a utilização do material como fonte para a comunidade. A segunda por conta da constituição de uma legislação que definiu políticas para jovens e adolescentes no início do século XXI e será apresentada posteriormente. Sendo assim, pretendemos verificar qual a concepção de jovens e adolescentes na linguagem midiática produzida na região da grande Dourados no referido período.

Nesse contexto, algumas indagações permitirão dar suporte a pesquisa como exemplos: no discurso jornalístico envolvendo jovens e adolescentes como são atribuídas as representações a estigmas e carismas das pessoas, quando consideramos adjetivos como violentos, agressivos e/ou, indisciplinados. Nos registros pesquisados qual a proporção de notícias publicadas nos jornais, consideradas positivas ou negativas em relação aos jovens e adolescentes. A publicação de notícia com estigmas negativos tem tido maior impacto social na mídia. Como as notícias são produzidas de modo a envolver grupos em uma perspectiva de espetacularização da produção de saberes, conhecimentos e estigmas sobre a temática. Quais têm sido as fontes da produção das notícias utilizadas pelos jornais. De que forma o periódico tem apresentado situações que envolvem violência entre adolescentes e jovens, no sentido de perceber os recursos estéticos e midiáticos envolvidos na organização da notícia. Em se tratando de dois periódicos quais as permanências e diferenças na apresentação dos fatos. Tais indagações nos instigam a buscar respostas nas fontes.

Este estudo, ainda que, com nuances de um estudo sociológico, está sendo produzido na linha de pesquisa “História da Educação, Memória e Sociedade”. Realizar pesquisas orientadas na linha de História segundo Felix (1998) é o de oferecer subsídios para reflexão direcionados a percepção dos possíveis nexos, a ideias e conceitos na escolha de objetos, na identificação, análise e interpretação dos fatos e seus contextos conjunturais e/ou estruturais, propondo assim, um diálogo com o leitor tanto para a crítica como também a compreensão do fazer-história, visando trocas de conhecimento.

A autora também proporcionou subsídios para uma reflexão acerca dos fatos e interpretações em seus contextos sociais, uma vez que os questionamentos são fundamentais

para o objeto da pesquisa, ou seja, sobre o que e para que, estamos direcionando o estudo qual seja os discursos jornalísticos relacionados à concepção de jovem e adolescente na linguagem midiática. Assim, a partir das perspectivas da história do tempo presente, e apoiado em Ferreira (2000, p.12) pretendo “[...] defender aqui a legitimidade do tempo presente como objeto de investigação para a história”, uma vez que, Chartier (1993) também menciona que nesse tipo de estudo é possível permitir, com maior facilidade, uma articulação entre as determinações e interdependências desconhecidas que marcam os laços sociais. Desta forma, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para reflexão sobre as modalidades e estruturas de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma concepção social.

Sendo assim, é possível relacionar a pesquisa de História da Educação com a própria história do tempo presente, e também ao contexto da nova história cultural, uma vez que segundo Chartier (2002, p. 16-17):

[...] a historia cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e praticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.

No caso deste trabalho, enfatizamos mais uma vez a proposta de investigar a concepção de jovem e adolescente na linguagem midiática requer uma reflexão acerca das representações sociais, escolares, políticas, econômicas, culturais, religiosas, faz parte dos diversos grupos de indivíduos que compõem a sociedade, e realizam escolhas assim, visando compreender a realidade social por meio das representações jornalísticas nos embrenhamos por esse viés. A metodologia do referido estudo está fundamentada em uma pesquisa do tipo documental por meio de fontes e arquivos históricos, estabelecendo um diálogo entre teoria e o empiria. Utilizaremos metodologia do tipo qualitativa, contendo técnicas de dados

estatísticos e analíticos, por meio de uma contextualização da história do tempo presente e história comparada.

O recorte temporal da pesquisa noticiária nos jornais impressos, de 2002 a 2006, se justifica, considerando que em 2001 foi desenvolvida pesquisa de âmbito nacional sobre “A voz dos adolescentes”, que teve o objetivo de ouvir a opinião dos adolescentes brasileiros de todos os níveis de renda, de todas as regiões geográficas, com diferentes níveis de escolaridade, das diferentes raças e etnias e com diferentes características culturais. A pesquisa, realizada pelo UNICEF, em 2001, trabalhou com uma amostra de 5.280 meninos e meninas entre 12 e 17 anos, em todo o Brasil. Do total de entrevistados, 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino. Quanto a estimativa dos dados coletados serem até 31 de dezembro de 2006, considerou-se a Resolução nº 119/2006, do CONANDA[†] – que dispõe sobre o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE ao adolescente que tem mobilizado a opinião pública, a mídia e diversos segmentos da sociedade brasileira, com a finalidade de verificar o que pode ser feito no enfrentamento de situações de violência que envolve adolescentes enquanto autores de ato infracional ou vítimas de violação de direitos no cumprimento de medidas socioeducativas.

Considerando que o Conanda, responsável por deliberar quanto a política de atenção à infância e à adolescência, pautado no princípio da democracia participativa, tem buscado cumprir com seu papel normatizador e articulador, ampliando as discussões visando assim, envolver o sistema que trabalha especificamente com a garantia dos direitos, desses indivíduos socialmente.

O marco normativo, ou seja, o ordenamento legal estará ancorado no Artigo 227 da Constituição Federal de 1988, que menciona ser dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – Lei nº. 8.069 de 13 de julho de 1990. A Lei de

[†] Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº. 9394 de 1996 por conta de relacionar o adolescente e o jovem com a legislação educacional e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – parecer nº. 15 de 1998 e parecer CNE/CEB de nº. 5/2011, aprovado em 04/05/2011, ressalta que:

A escola, face às exigências da Educação Básica, precisa ser reinventada, ou seja, priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida. A escola tem, diante de si, o desafio de sua própria recriação, pois tudo que a ela se refere constitui-se como invenção: os rituais escolares são invenções de um determinado contexto sociocultural em movimento. (p.9)

Entender o jovem do Ensino Médio dessa forma significa superar uma noção homogeneizante e naturalizada desse estudante, passando a percebê-lo como sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Além disso, deve-se também aceitar a existência de pontos em comum que permitam tratá-lo como uma categoria social. Destacam-se sua ansiedade em relação ao futuro, sua necessidade de se fazer ouvir e sua valorização da sociabilidade. Além das vivências próprias da juventude, o jovem está inserido em processos que questionam e promovem sua preparação para assumir o papel de adulto, tanto no plano profissional quanto no social e no familiar. (p. 13)

Portanto, a temática se justifica e aponta contexto de relevância no sentido de proporcionar reflexão acerca da mídia e seu papel social importante como formadora junto à comunidade e a opinião pública. Importante ressaltarmos que nos primeiros levantamentos e análises iniciais, percebemos alto grau da visibilidade das notícias de caráter “negativo” com altos índices de infrações e contextos de violência envolvendo jovens e adolescentes em relação a outro tipo de notícia. Os periódicos destacam e veiculam notícias que contribuem para a estigmatização desses sujeitos, provocando um discurso contrário ao ideal da valorização dos jovens e adolescentes que defendem o discurso de jovem como o “futuro da nação”, também objeto de disputa e discussão.

Outro aspecto a ser destacado na referida pesquisa que justifica a utilização de fontes atuais destes periódicos é o contexto da relação metodológica entre história do presente que segundo Capelato (1988) apud Rodrigues (2010) está presente na problematização da relação entre a História e a imprensa. Tais autoras registram a importância do uso do Jornal para a historiografia, uma vez que as notícias jornalísticas não são textos científicos, mas podem ser

utilizadas como fonte para um estudo científico, dependendo da análise que o pesquisador fará com o uso das reportagens, entrelaçando teóricos e contexto histórico, político, social, econômico e cultural. De acordo com Rodrigues (2010, p. 311):

O uso de jornais e revista como fonte de pesquisa historiográfica teve seu prestígio validado há mais tempo na preferência dos pesquisadores da História. No caso da História da Educação muitos têm se dedicado ao estudo dos impressos que circulam na comunidade [...].

A proposta de trabalhar com dois periódicos a princípio não propõe fazer uma história comparada mas perspectivas de análise que se complementam. Barros (2007) menciona que “como propunham autores [...] – e aqui podemos incluir nomes como o de Marc Bloch, Toynbee ou Norbert Elias – “comparar” era de algum modo abrir-se para o diálogo, romper o isolamento, [...] e, por fim, questionar a intolerância recíproca entre os homens”. A História Comparada, segundo o autor, seria uma modalidade historiográfica que atua de forma simultânea e integradora sobre campos de observação diferenciados e bem delimitados é e nessa perspectiva que nos encontramos. Pois, se considerarmos a vitalidade da História Comparada como aparato metodológico podemos destacar sua contribuição no sentido de enriquecer as pesquisas, ampliar o conhecimento acerca de determinada temática. Apoiados em uma modalidade historiográfica fortemente marcada pela complexidade, (Marc Bloch apud Barros 2007) como uma espécie de duplo campo de observação no caso nos propomos a relacionar os dois campos de observação a partir dos dois jornais impressos pesquisados.

Neste contexto, como pesquisadoras nos atentamos para a seleção de aspectos relevantes nos jornais selecionados, considerando reflexões como: o tamanho das notícias, o formato, a capa, o tipo de letra, a apresentação da matéria, a localização das notícias, entre outros, elementos da exposição que poderão dar respostas fundamentais para a compreensão aprofundada sobre o assunto. Na busca por respostas o percurso realizado pretendeu na primeira etapa, realizar a pesquisa documental, por meio de um arquivo tematizado e organizado a partir das notícias relevantes ao objeto da pesquisa, publicadas nos dois jornais já citados, enfatizando as manchetes e conteúdos publicados.

No primeiro levantamento já realizado as temáticas centrais utilizadas para a análise são: violência escolar, violência juvenil, agressão com ou entre jovens, violência juvenil e escola, violência, mau trato escolar, dentre outras. Ou seja, no primeiro momento, na caracterização da linguagem midiática verificamos quantas vezes essas palavras: jovem e adolescente aparecem nos jornais pesquisados e partindo dessa estatística, selecionamos cinco notícias consideradas relevantes e que aparecesse nos dois jornais pesquisados.

Em uma segunda etapa em andamento estamos realizando o processamento das informações levantadas e a análise dos documentos pesquisados. Tais conteúdos estão sendo discutido à luz das perspectivas teóricas de Norbert Elias, envolvendo textos específicos como: *Processo Civilizador: A formação do Estado* – Vol. 2; *Os estabelecidos e outsiders*; *Civilização dos Pais e Sociedade dos Indivíduos*; além de teóricos que trabalham com as temáticas como: Kaplan (2006; 2009); Rodrigues (2010); Chartier (2002); Bloch (2001), Sarat & Santos (2012) dentre outros.

O trabalho em andamento de historiadoras da educação que escolheu como fonte de pesquisa, o jornal, pretende contribuir com os debates pertinentes a esse campo da pesquisa, bem como, compreender de que modo a percepção que se tem acerca dos discursos jornalísticos ideológicos relacionados à violência dos jovens / adolescentes se se manifestam nos grupos de jovens e adolescentes douradenses. Diante da complexidade social podemos dizer que tais discursos não se diferem dos demais aspectos globalizados a respeito destes indivíduos que, certamente carregam consigo a perspectiva de continuidade da sua geração.

REFERÊNCIAS:

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: L T C Editora, 1981.

AMADO, J. & FERREIRA, M. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 7 ed. Florianópolis: UFSC, 2011.

BARROS, José D' Assunção. **História Comparada da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico.** HISTÓRIA SOCIAL. Campinas – SP. Nº. 13. P. 07–21, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos – o caráter sobrenatural do Poder Régio.** França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRASIL, MEC. **Lei n. 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente).** Brasília: MEC, 1990.

BRASIL, MEC. PARECER CNE/CEB Nº: 5/2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Aprovado em 04/05/2011. Brasília: MEC, 2011

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes e de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A história cultural: Entre Práticas e Representações.** 2ª Ed. Lisboa: Difel, 2002.

ELIAS, N. **Mozart: sociologia de um gênio.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Volume I. Trad. Da versão inglesa Ruy Jungmann. Revisão: Renato Janine Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização.** Volume II. Trad. Da versão inglesa Ruy Jungmann. Revisão: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, N. **Envolvimento e alienação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, N. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. IN: GEBARA, A.; WOUTERS, C. (Orgs.). **O controle das emoções.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 19-46.

FARIA FILHO, L. M. de (et. All.) A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jn./abr. de 2004.

FELIX, L. O. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupef, 1998. 104 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **ENTRE-VISTAS**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Pernambuco: Cátedra, 1993.

FREITAS, M. C. de. Educação Brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos. IN: Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. III: Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREITAS, M. C.; BICCAS, M. de S. **Expansão na oferta de educação escolar**: a escola pública num país em (re)configuração”. São Paulo: Cortez, 2009.

GEBARA, A. **Conversas sobre Norbert Elias**: depoimentos para uma história do pensamento sociológico. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2005.

GIRASSOLIDÁRIO. Agência de Notícias em Defesa da Infância. Parceria com a Rede ANDI Brasil e a VIVO. **A Criança e o Adolescente na Mídia – MS**. Campo Grande, MS: Ruy Barbosa, 2004.

GOETTERT, J. D.; SARAT, M. (Orgs.) **Tempos e espaços civilizadores**: diálogos com Norbert Elias. Dourados: Editora da UFGD, 2009.

HILSDORF, M. L. S. **A Escola Brasileira no Império**. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

KAPLAN, C. V. (Dir.) **Violência escolar bajo sospecha**. Buenos Aires: Miño Dávila. 2006.

KAPLAN, C. V.; ORCE, V. (Coords.) **Poder, prácticas sociales y proceso civilizador**: los usos de Norbert Elias. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2009.

LE GOFF, J. 1924. Documento / Monumento. IN: LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. [et al.] – Campinas: UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). p. 462-476.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. **Crianças operárias na recém-industrializada**. São Paulo. In: Mary Del Priore. (Org.). História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999, v. , p. 259-288.

NUNES, Clarice. **Historiografia comparada da escola nova: algumas questões**. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.1 São Paulo Jan./Jun. 1998. ISSN 0102-2555

OBIOLS, G. & OBIOLS, S. D. S. **Adolescencia, posmodernidad y escuela**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2008.

RICHARDSON, R. J. e Col. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RODRIGUES, Elaine. A imprensa pedagógica como fonte, tema e objeto para a História da Educação. IN: COSTA, C. J.; et. al. **Fontes e métodos em História da Educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. p. 311-326.

SANTOS, R.. O papel da família e da escola no processo contemporâneo de socialização primária: uma reflexão sociológica sobre representações e expectativas institucionais. IN: GOETTERT, J. D.; SARAT, M. (Orgs.) **Tempos e espaços civilizadores: diálogos com Norbert Elias**. Dourados: Ed. UFGD, 2009. p. 155-176.

STEPHANOU, M. & BASTOS, M. H. C. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. (Vol. I, II e III). Petrópolis: Vozes, 2005.

TOZONI – REIS, Marília Freitas de Campos. **Infância, escola e pobreza: ficção e realidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

WEBER, MAX. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2002.